

IMAGOLOGIA E MOBILIDADE

MOVIDAS E MIGRAÇÕES
FIGURADAS

MARIA JOÃO SIMÕES
COORD.



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

REVISÃO

Raquel do Sêro
Ana Cláudia Pires

IMAGEM DA CAPA

Paulo Mendes

INFOGRAFIA

João Emanuel Diogo
Pedro Matias

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2377-1

ISBN DIGITAL

978-989-26-2378-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2378-8>

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Esta publicação foi realizada no âmbito do Projeto UIDB/00759/2020

IMAGOLOGIA E MOBILIDADE

MOVIDAS E MIGRAÇÕES
FIGURADAS

MARIA JOÃO SIMÕES
COORD.

SUMÁRIO

Introdução: Imagologia e Mobilidade(s): Modelagem de Interseções Culturais <i>Maria João Simões</i>	7
CAPÍTULO 1 – Refigurações identitárias no confronto com a alteridade	27
Mobilidade(s) Anglo-Lusa(s) nos Romances de Guerra: (Re)Configurações de Identidade(s) e Alteridade(s) <i>Gabriela Gândara Terenas</i>	29
“Páginas Londrinhas” de Ruben A – Entre Migração e Cosmopolitismo <i>Ana Maria Machado</i>	59
CAPÍTULO 2 – Intercâmbios da imagologia	81
Imagologie, imaginaire, traduction: questions de représentation littéraire et culturelle <i>Paolo Proietti</i>	83
Imagologia Intercultural no Atual Contexto Cultural e Mediático <i>Nora Moll</i>	111
CAPÍTULO 3 – Fugas e mobilidades: imigrantes, emigrantes e deslocados	131
A Imigração na Narrativa Portuguesa Contemporânea: Representações da Figura do Imigrante	

<i>María Jesús Fernández</i>	133
Mobilidades, Fluxos Migrantes e Imobilismos em <i>Princípio de Karenina</i> de Afonso Cruz e <i>Um Bailarino na Batalha</i> de Hélia Correia <i>Maria João Simões</i>	161
Autorretratos de Exílio na Literatura Francófona: o 'Eu' que quer ser 'Outro' e não é nem o 'Eu' nem o 'Outro' <i>João Domingues</i>	179
 CAPÍTULO 4 – Confronto como o Outro:	
alofilias e xenofobias	207
Ser o Outro em Macau: Entre a “Fobia” e a “Filia” <i>Lola Geraldés Xavier</i>	209
Desassossego zuhause: Representação da Colonização Alemã em <i>Jorna com Rupert</i> de Salim Miguel <i>Alberto Sismondini</i>	235
 CAPÍTULO 5 – A escrita e a mobilidade	
ou a mobilidade (re)escrita	251
Imagologia e Tradução: A Representação do Outro pela Viagem do Texto <i>Paolo Proietti</i>	253
A Lusodescendência em Literatura: Escritas de Herança ou de Errância? <i>Isabelle Simões Marques</i>	279
Mobilidade como Exercício de Conformidade ou Rebelião: As Figuras do Turista e do Viajante em Dois Romances de Estrada Portugueses <i>Eduardo Nunes</i>	303

**INTRODUÇÃO: IMAGOLOGIA
E MOBILIDADE(S): MODELAGEM
DE INTERSEÇÕES CULTURAIS**

**INTRODUCTION: IMAGOLGY AND
MOBILITY(IES): MODELAGEM
DE INTERSEÇÕES CULTURAIS**

Maria João Simões

Toda a investigação é impulsionada por um processo interrogativo e, colocando-se explicitamente dentro deste sentido investigativo, as pesquisas que aqui se apresentam pressupõem essa conhecida metodologia científica, uma vez que partem de múltiplas interrogações, dúvidas e questionamentos. De entre múltiplas questões, algumas ganham aqui um maior destaque: Será pertinente continuar a colocar questões relativas à identidade e à pertença identitária coletiva num mundo globalizado? Será útil a utilização de uma perspetiva imagológica? Será preferível falar em transnacionalismo literário ou em literatura migrante? Serão sobreponíveis alguns destes domínios? Serão articuláveis?

Estas questões estão subjacentes aos textos aqui apresentados e enquadram-se no longo debate que marca a crítica atual nestes domínios. Para seguir e aprofundar este debate, lançou-se um desafio ao grupo de investigadores do projeto “Literatura, Imagologia e

Transnacionalismo: Representação de Migrações”: o de interpretar e de debater textos teóricos vários que levantassem estas interrogações ou outras que lhes são congéneres. Assim, numa reação proativa à crise pandémica, entre julho de 2020 e junho de 2021, foram realizadas cerca de doze sessões de debate sobre textos teóricos com apresentações sucessivas, preparadas pelos vários investigadores ligados ao referido projeto de investigação. A partir deste conjunto de debates, os investigadores escolheram diversas obras para poderem aplicar criticamente algumas das ideias que foram emergindo ao longo das referidas sessões. Os diversos estudos, aplicados com as respetivas análises ainda em fase embrionária e em processo de construção, foram apresentados ao grupo e sujeitos a críticas construtivas, acolhendo sugestões e hipóteses de desenvolvimento crítico.

Tratou-se de acionar uma metodologia de investigação compartilhada e participada, permitida pelo enquadramento deste projeto na Unidade de Investigação que é o Centro de Literatura Portuguesa, em resposta ao incentivo da própria criação dos Centros de Investigação, fruto da política inovadora de Mariano Gago. Como recorda, por exemplo, Julio E. Cellis, antigo secretário da FEBS (Federation of European Biochemical Societies), a atuação de Mariano Gago foi fundamental não só para dotar Portugal de um moderno sistema de investigação, mas, para além disso, o empenhamento do antigo Ministro da Ciência e da Tecnologia nas políticas científicas europeias teve reconhecimento internacional. Recriado dentro deste inovador sistema, o Centro de Literatura Portuguesa tem acolhido, sistematicamente, as atividades intrínsecas ao projeto “Literatura, Imagologia e Transnacionalismo: Representação de Migrações”, situado, como o nome indica, no campo de estudos da imagologia, da interculturalidade e do transnacionalismo literário, tendo sido fundamental o apoio do CLP para concretizar a participação de convidados estrangeiros ao Colóquio, que constituiu um dos pontos de chegada de toda a série de sessões de debate decorridas em 2020-2021.

Os estudos críticos resultantes de toda esta série de atividades investigativas, desenvolvidas em grupo, é agora apresentado e aqui divulgado em forma de publicação online e em papel, sob a égide da Imprensa da Universidade de Coimbra.

O ponto de partida, nestes trabalhos, foi e é o da perspectiva imagológica, abrindo-se, porém, a abordagens diversificadas e a teóricos de diferentes quadrantes. Optar pelo viés imagológico implica atentar na dimensão sociocultural da literatura¹. Note-se que, se a Literatura fala aos seus leitores de universos imaginários, se ela diz, expõe e difunde ideias através das suas personagens e das suas ligações, neste seu dizer, a literatura cria objetos discursivo-ficcionais que nos fazem pensar, criando uma dimensão simultaneamente cognitiva e ideológica com uma vertente pragmática não desprezável. A literatura tem o grande poder de nos fazer conhecer outros mundos, outros modos de sentir, outras culturas, outras visões, ou, como diz, Antoine Compagnon:

A literatura deve (...) ser lida e estudada porque oferece um meio (...) de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (Compagnon, 2009: 47)

Ora, a vertente pragmática e sociocultural da literatura também deve ser analisada pela crítica literária, como mostra a perspectiva imagológica. Tal não quer dizer que, ao refletir sobre os possíveis ensinamentos práticos dos imaginários ficcionais, se apague ou se

¹ Ter uma vertente ou uma faceta sociocultural a tratar não quer dizer que a imagologia se transforme numa face da sociologia, conforme se explicou anteriormente (cf. Simões, 2011: 36).

esqueça o modo como esta feição pedagógica depende e se integra no conjunto das múltiplas vertentes² do ficcional, com as quais se conjuga — entre elas, a vertente lúdica e a vertente especulativa. Com efeito, as ficções artísticas, sejam elas cinematográficas, literárias ou gráficas, revelam a capacidade de construir cenários possíveis, verosímeis ou imprevisíveis, convidando o leitor a acionar uma complexa rede de interpretações aos mais variados níveis: comparações com a sua realidade empírica, deteção e fruição de elementos estilístico-compositivos, raciocínios complexos sobre ideias ou ideologias que movem e comovem o homem.

Assim, a leitura do ficcional pressupõe esse processo de desvelamento apontado por Frank Lentricchia, quando afirma que todos os livros reveladores são grandes precisamente *porque* são capazes de desvelar (“veil-piercing”) situações humanas (*apud* Bruns, 2011: 16). De forma antiquada, há ainda quem atribua à arte apenas uma função lúdica ou quem lhe reserve apenas um papel desencadeador de prazer estético, numa posição próxima da defesa da “arte pela arte”, ao mesmo tempo que, noutros quadrantes, se valoriza a ciência e a filosofia como as grandes vias de acesso a um conhecimento profundo e efetivo, negando, ou, pelo menos, diminuindo, o papel do estético no conhecimento humanístico. Porém, já, pelo menos desde o século XVIII, Baumgarten, dito o “pai” da Estética, defendia a ideia da Estética enquanto “ciência do conhecimento sensível”, capaz de desencadear um conhecimento *análogo* ao da razão conquanto que diferente (Baumgarten, 1993: 95). Para o filósofo, a gnoseologia do sensível implica um discernimento diferente, mas não deixa de integrar o conhecimento das Humanidades; no entanto, a estética não pretende substituir-se à metafísica, nem exclui a interrogação filosófica — campos com os quais confina e com os quais partilha zonas de interseção.

² Sobre a forma multidimensional de entender o valor da literatura, veja-se Bruns, 2011: 16.

Esvaziar a arte da sua capacidade prazerosa adstrita à sua potencialidade cognitiva é, pois, um posicionamento que não dá conta e deixa de fora toda uma dimensão pregnante da arte que a tornou fundamental ao homem ao longo dos tempos, e que a torna uma indispensável “companheira” do homem na sua viagem pelo mundo imaginativo da ficção e da arte — como tem vindo a ser cada mais reconhecido. Por outro lado, desprezar a dimensão ideológica (e/ou a dimensão pedagógica) da arte significa também limitar o seu largo alcance.

Assim, dentro do rico e variegado leque das dimensões da arte, em geral, e da ficção artística, em particular, toda uma séria de questões sobre a forma como nos pensamos no mundo ganham pertinência e relevância — o que é reconhecido pelos imagólogos.

Enquanto domínio de estudo da Literatura Comparada, a Imagologia tem já uma história que, como se sabe, remonta aos estudos das imagens nacionais. Inicialmente, este estudo tem uma forte ligação aos estudos antropológicos e etnológicos, surgindo a designação num artigo publicado na revista francesa intitulada *Revue de Psychologie des Peuples*³. Nos estudos iniciais de Hugo Dyserinck, a designação de etnótipo vai cedendo lugar à designação de autoimagem e de heteroimagem, que serão preteridas em favor por designações como imagótipo⁴, imagotipia e “sistema imagotípico”,

³ De acordo com Hugo Dyserinck, “Os conceitos de *Imagotype* e *Imagotypie* foram sugeridos pela primeira vez por Oliver Brachfeld, utilizando-os inicialmente na *Revue de Psychologie des Peuples* [e] colocando-se contra o uso de termo estereótipo”, no número publicado em 1962 (Dyserinck 2002: 56). Dois anos mais tarde, em 1964, nesta mesma revista, foram publicados mais dois artigos sobre Imagologia, sendo utilizados por Abel Miroglio (cf. Maric, 2020: 3). Por seu turno, Manfred Fischer desenvolveu a expressão “sistema imagotípico”, num artigo publicado em 1979, numa concetualização que depois desenvolve na obra *Nationale Images als Gegenstand Vergleichender Literaturgeschichte*, publicada em 1981 (cf. Fischer, 1981: 22). Sobre a história da Escola de Aachen, cf. Sousa 2011: 160. Cf. também Muratova, 2005: 21.

⁴ Em anterior trabalho (cf. Simões, 2011), depois de auscultar opiniões de linguistas, optou-se pela ortografia de *imagotipo* sem acento. Mais tarde, outra opinião foi ganhando primazia: a de grafar *imagótipo* à semelhança de *estereótipo*, com

utilizadas por Manfred S, Fischer em 1979 e em 1981 e, em 1989, Gustav Siebenmann utiliza num simpósio as designações mais específicas de autoimagótipo e heteroimagótipo (Siebenmann, 1996: 5).

Note-se que, já em 1980, Thomas Bleicher salientava que a Imagologia devia ultrapassar uma dimensão etnocêntrica⁵, que as suas abordagens deviam ter em conta vários componemas⁶ e que se deveria atentar na ligação da dimensão estética com aspetos extra-literários atinentes às políticas culturais implicadas. Eis como o crítico salienta esta última questão:

A imagologia comparatista (...) deve, pois, analisar os sistemas das imagens-tipos enquanto *elementos de contextos estéticos*, bem como fatores que tocam aspetos extraliterários: esta perspetiva permite descortinar alguns pontos de contacto iniciais entre as bases teóricas da literatura comparada e a prática das políticas culturais exteriores.⁷ (Bleicher, 1980: 21)

acentos. Sem deixar de assumir a responsabilidade da confusão lançada quanto à grafia, talvez ela possa ser atenuada se se pensar que a forma recomendada, como reconhece Carlos Rocha, “não impede que no uso ocorram oscilações como logótipo e logotipo, ou protótipo e prototipo. O mesmo acontece com fotótipo, que ocorre frequentemente como fototipo”. (Rocha, 2015).

⁵ No resumo em francês apresentado na revista (traduzido do original em alemão, provavelmente pelo próprio autor), Thomas Bleicher afirma: “En tant que partie intégrante d’une science sociale critique procédant à la fois diachroniquement et synchroniquement, l’imagologie comparatiste doit dépasser toute définition unilatérale et par là même toute idéologie ethnocentriste.” (Bleicher, 1980: 21).

⁶ Entre os elementos a considerar na análise das imagens construídas, Bleicher salienta os seguintes: “ (1) mise en contraste d’une image unitaire de l’homme, (2) constitution d’une bipolarité entre auto-détermination et hétéro-détermination, (3) complémentarisation de l’image de soi, (4) différenciation de l’image de l’autre, (5) relativisation par la multiplication, (6) généralisation par corrélation.” (Bleicher, 1980: 21).

⁷ Tradução aqui realizada a partir do original em francês “[L]’imagologie comparatiste (...) doit donc analyser les systèmes d’images-types comme *éléments de contextes esthétiques* ainsi que comme facteurs touchant à des aspects extra-littéraires. Cette perspective permet de dégager quelques premiers points de contact entre les bases théoriques de la littérature comparée et la pratique des politiques culturelles extérieures.” (Bleicher, 1980: 21).

Já no século XXI, também William L. Chew insiste na necessidade constante de nos conhecermos em termos socioculturais e históricos, lançando um “Manifesto para a imagologia”, no qual afirma:

We are all imagologists, even if we do not realize the fact, and we cannot function socially and politically, in a humane and reasoned fashion, as individuals or groups, without studying the (national) stereotypes so current in our collective memory. For these stereotypes color, to a large extent, not only our self-perception (our auto-image) via the image of the other (our hetero-image), but determine for better and, regrettably, more often, for worse our behavior toward the other. Indeed historically, this behavior has taken forms as relatively harmless as bad ethnic jokes and as noxious as ethnic cleansing and the Holocaust. (Chew, 2001: 3-4)

Numa época histórica como a que vivemos, marcada por diferentes mobilidades, a comunicação intercultural é medular e, com as suas análises fundadas na comparação, a imagologia revela ser um contributo precioso para o desenvolvimento de uma interculturalidade consciente. O facto de utilizar uma metodologia comparatista, na qual assenta alicerces, advém da inserção da imagologia no domínio mais vasto da Literatura Comparada, enquanto disciplina humanística — o que faz com que herde dela não só o método, mas algumas das suas características.

Quanto ao método, convém ter em conta que a comparação não é exclusiva desta disciplina, como alerta Anna Boschetti, que rejeita uma certa crítica da comparação (de retorno algo esporádico):

De facto, o que é necessário por em causa não é a comparação, mas a maneira que ela é concebida e praticada, quando se reconduz a comparação para uma oposição termo a termo,

esquecendo que os objetos da comparação não são essências, mas processos, frequentemente imbricados e constantemente em evolução. A comparação é um movimento constitutivo de toda a atividade de conhecimento e a reflexividade, em qualquer pesquisa que seja, implica de facto, uma perspectiva comparatista. (Boschetti, 2010: 9)⁸

Esta advertência revela-se fundamental para as análises imago-lógicas e interculturais que devem precaver-se de essencialismos identitários e de uma objetificação dos nacionalismos.

Quanto à herança de características, salienta-se aqui aquela que diz respeito à capacidade autorregeneradora, da Literatura Comparada. Amiúde se reitera uma forma de conceber a Literatura Comparada como uma disciplina elástica e flexível, sobretudo desde que Peter Brooks¹⁰ a qualificou como uma “disciplina indisciplinada” (*apud* Weninger, 2006: XII). Com vantagens e inconvenientes, a Literatura Comparada não só se desdobra em subdomínios que foram sendo (e podem vir a ser) acrescentados, como revela um

⁸ Com intuito de facilitar uma leitura contínua, optou-se por traduzir as citações de textos franceses, menos acessíveis a leitores que apenas conhecem o inglês como língua estrangeira. Tradução aqui realizada a partir do original em francês: “En fait, ce qu’il faut mettre en cause, ce n’est pas la comparaison, mais la manière dont on la conçoit et on la pratique, lorsqu’on la ramène à une opposition terme à terme, en oubliant que les objets de la comparaison ne sont pas des essences, mais des processus, souvent imbriqués et constamment en évolution. La comparaison est un mouvement constitutif de toute activité de connaissance, et la réflexivité dans n’importe quelle recherche implique de fait une perspective comparative (...)” (Boschetti, 2010: 9).

⁹ Veja-se, por exemplo, a seguinte afirmação de Touria Nakkouch: “I argue, Comparative Literature has been faced with the challenge to restructure itself and its agenda. In this, I finally maintain, it gives 21st century lessons to the other Human Sciences on the commensurability of angst, survival and regeneration.” (Nakkouch, p.1).

¹⁰ Num texto de 2006, Robert Weninger, cita esta expressão que Peter Brooks utilizou no texto intitulado “Must we apoligize?”, integrado na obra (bem conhecida pelos comparatistas) *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*, publicada em 1995. Erroneamente, por vezes, a expressão tem sido atribuída a Weninger, mas este crítico identifica claramente a autoria da expressão avançada por Brooks, especificando a referência à obra onde ela surgiu. (Cf. Weninger, 2006: XII).

processo contínuo de questionamento próprio. Referindo-se a esta constante autoproblematização, Eugene Eoyang afirma:

The undisciplined effusion of insights, the proliferation of subfields, the introduction of new perspectives in comparative literature over the past half century is cause for celebration rather than regret. But there is one feature of comparative literature that distinguishes itself above all others: it is, intensely and insistently, a self-skeptical discipline. There is no intellectual smugness among comparatists as to what the “discipline” is, or what methodology is preferred, or what delimitations of content are recommended. The perennial “crises” in the field reflect the field’s ironic, self-critical stance. The triumph of the field is precisely its ability to recognize its own errors, to realize its own shortcomings. (...) Insights in comparative literature remind us how much more there is to discover. (Eoyang, 2007: 12/13)

Um exemplo desta atitude autocrítica e de reconhecimento da necessidade de incorporar domínios confluentes pode ser lida nos textos de Paolo Proietti e de Nora Moll, que neste volume se apresentam. Nora Moll, por exemplo, propõe-se responder a possíveis intercâmbios entre a imagologia e os estudos culturais, apontando também a necessidade de extravasar os limites eurocêntricos que foram dominantes durante décadas, mas que agora se expandem a outros continentes. Se, na crítica de língua inglesa, ainda é frequente a utilização da expressão *image studies*, já surgem, hoje em dia, muitos estudos asiáticos, indianos, sul-americanos ou outros que não só utilizam a designação de imagologia para enquadrar as suas análises, como o fazem sob uma perspectiva cujo ponto de focagem, evidentemente, não é europeu.

Concomitantemente, outro tipo de descentramento se tem vindo a fortalecer. Se a imagologia, numa fase inicial, se aproximou da

etnologia cultural, posteriormente, o seu âmbito de pesquisa enriqueceu-se através do acionamento de relações com outros domínios de estudo, por meio de procedimentos interdisciplinares variados.

Já William L. Chew, em 2006, vislumbrava este alargamento, afirmando:

Of all academic specialisms we have seen, image studies number among the most inter-disciplinary, though the center of gravity remains in the broad domain of the humanities, in particular history and literature/philology. Historical-criticism and literary analysis thus remain core methods that complement each other nicely when analysing texts containing national stereotypes. Nonetheless, much can be learned from the social sciences, as evident in the strong influence of social psychologists and ethnologists. (Chew, 2006: 185)

Se, de facto, foram, e são, produtivas para a imagologia as conexões com os domínios dos estudos culturais e dos estudos pós-coloniais, não menos importante foi, e é, o contributo que dimanou desenvolvimento investigativo na área da psicologia social¹¹, sendo de referir ainda o quanto a investigação neste domínio beneficia da desenvoltura de uma História das Mentalidades e do desenvolvimento da Análise Crítica do Discurso.

Mais recentemente, ganharam notoriedade o pensamento em torno do cosmopolitismo, do transnacionalismo literário e também da transculturalidade. Embora o termo transnacionalismo tenha sido transposto para o domínio dos estudos literários não há muito tempo, a possibilidade de ser uma designação adequada a este campo do saber já foi contestada e questionada. Como se referiu

¹¹ Este aspeto foi abordado de forma mais pormenorizada em trabalho anterior: cf. Simões, 2011: 30-32.

anteriormente, o transnacionalismo literário visa ultrapassar abordagens centradas em perspectivas nacionais e dar conta de espaços e fenómenos culturais transnacionais¹², trazendo a intenção de renovar as cartografias literárias e de ultrapassar escolhos levantados por abordagens anteriores, nomeadamente a rasura do diferencial num mundo multicultural. O transnacionalismo literário, tal como o advogou Paul Jay na obra *Global Matters. The Transnational Turn in Literary Studies*, pressupõe e ancora-se em reflexões sobre o hibridismo, o cosmopolitismo, os estudos sobre migração e outros, como o autor expõe:

The transnational turn in literary studies has resulted in a wholesale remapping of the *locations* we study. This remapping has grown out of a focus on migration and cross-cultural experience, generally, and a particular interest in tracing complicated histories of displacement. (Jay, 2010: 8)

Os desígnios do transnacionalismo literário (e a bondade neles implicada) não escapam ao desgaste que o transnacionalismo (em geral) enfrenta, sobretudo face aos atuais problemas fronteiriços, às sucessivas ou concomitantes guerras e à criação de barreiras e de processos de isolamento de deslocados e/ou migrantes.

Neste sentido, Dagmar Vandebosch and Theo D’Haen alertam:

... in times in which plans are being made and executed to close borders to people and goods, transnationalism seems less self-evident, and the question of how transnationalism — both as a cultural, political and economic reality and an academic

¹² Alguns aspetos relevantes das reflexões de Paul Jay já foram abordados por investigadores e colaboradores ligados ao projeto de pesquisa em que este volume se integra. Cf. Gil, 2020: 165; Simões, 2020: 11-12.

perspective — will evolve in the near future, has become unexpectedly pressing. Although the recent rise of nationalist and protectionist political stances suggests that social science's strong focus on transnationalism has eclipsed other emerging social tendencies, it also indicates the social and cultural impact of globalization and transnationalism. (Vandebosch & D'Haen, 2009: 1)

O próprio Paul Jay, depois de preparar, em 2019, a obra *Transnational Literature. The Basics*, no prefácio escrito para acompanhar a publicação, já em 2020, reconhece que os últimos eventos globais vieram ensombrar ainda mais as crenças ideológicas valorizadoras do transnacionalismo, do cosmopolitismo e da interculturalidade. É neste sentido que se pode compreender o modo como termina esse prefácio:

The pandemic in its myriad guises is going to impact both the subject matter and mood of global fiction, poetry, and drama for years to come. Transnational literature depends, as we shall see, on the *mobility* of transnational writers, and for the time being that mobility is dramatically restricted. (...) The key subjects in transnational literature explored in this book — mobility, identity, history, borders, migration, globalization, cosmopolitanism — will surely not go away, but they will all be viewed anew through the prism of the pandemic. (Jay, 2020: XI)

No eixo de muitas destas reflexões, encontra-se ainda a dificuldade de estabelecer diferenças entre o intercultural, transcultural e/ou o transnacional, verificando-se vários dissensos e diferentes matizes interpretativos entre os críticos. A este propósito, Maria de Fátima Gil analisa e questiona vários posicionamentos críticos de germanistas e de anglistas, entre os quais destaca o de Norbert Mecklenburg, que defende a complementaridade da intercultural-

lidade e da transculturalidade e das abordagens focadas nestes conceitos (Gil, 2020: 171). Porém, M. F. Gil subscreve a ideia de que não basta reconhecer o seu carácter complementar para discriminar as mais-valias de uma ou de outra perspectiva. Na mesma linha de ideias, Zilá Bernd e Norah Dei Cas-Giraldi — autoras responsáveis pela edição da obra *Glossaire des mobilités culturelles* — esclarecem que há um acréscimo de sentido, não despiciendo, carregado pelo prefixo *trans-*, que já foi salientado por vários críticos:

O prefixo *Trans* implica a passagem, a travessia, a ultrapassagem, forma de mobilidade por excelência. Se a transação compreende a ideia de negociar e renegociar, o seu objetivo principal é o de chegar a um acordo após um período de litígio. O que implica concessões de uma parte e da outra, num movimento de trocas recíprocas. (Bernd et Cas-Giraldi, 2014: 20)¹³

Para explicarem melhor este acréscimo de sentido, as editoras do referido glossário destacam a entrada construída por Patrick Imbert, intitulada “Transaction/transaction, transnational”, na qual este crítico¹⁴ explica que o *trans* se apoia “sobre uma lógica do terceiro incluído”, implicando uma mudança filosófica importante, relativamente ao inter e ao multi. E as autoras continuam esclarecendo que, para este estudioso, “as perspectivas dualistas (multi e inter) revelam-se incapazes de decifrar a complexidade do mundo,

¹³ Tradução aqui realizada a partir do original em francês: “Le préfixe Trans implique le passage, la traversée, le dépassement, forme de mobilité par excellence. Si la transaction comprend la notion de négociier et renégociier, son objectif est surtout d’arriver à un accord après une période de litige. Ce qui implique des concessions de part et d’autre, un mouvement d’échanges réciproques.” (Bernd et Cas-Giraldi, 2014: 20).

¹⁴ Como esclarecem as responsáveis pelo Glossaire, no texto referido, Patrick Imbert retoma e sintetiza ideias por ele já abordadas e divulgadas na sua atuação na Universidade de Ottawa. (cf. Bernd et Cas-Giraldi, 2014: 21).

daí a opção pela transdisciplinaridade, pela transculturalidade e pela transnacionalidade¹⁵.” (Bernd et Cas-Giraldi, 2014: 21).

A complexidade destas questões é escalpelizada no texto intitulado “Interculturality or Transculturality?” por Heinz Antor, o qual, depois de traçar um historial destes conceitos e das suas bases filosóficas, advoga um renovo das perspectivas intercultural e transcultural que tenha em conta os alertas de outros estudiosos sobre o apagamento do lado político dos confrontos e conflitos culturais. Segundo Antor, para a revitalização destes conceitos, será preciso ter em conta “the three main levels of intercultural competence, i.e., the cognitive, affective, and pragmatic dimensions of interacting with people from a different cultural background” (Antor, 2020: 78).

Na articulação destes níveis não se pode escamotear, pois, a dimensão política e ideológica da interação cultural, como aponta Antor, citando o exemplo da teorização de Mary Louise Pratt. Com efeito, esta estudiosa, que cunhou a expressão “zonas de contacto”, na obra *Imperial Eyes: Travel Writing and Acculturation* (1992), sublinha as reações assimétricas de poder nos conflitos culturais, nomeadamente em zonas de contactos (pós-)coloniais, onde ‘disparate cultures meet, clash and grapple with each other, often in highly asymmetrical relations of dominance and subordination’ (Pratt, 1992: 4). Para além, do conceito de “zona de contactos”, Pratt reativou e reposicionou os conceitos de “fricção”, de “global-escala” e de “consciencialização planetária” (*idem*, 9-10) essenciais para dar conta de “distopias globais”.

Se, como afirma Michael Freedon (2003: 41), “[ideologies] are multilayered symbols of reality that brought together complex ideas”, então, é imprescindível desmontar as diferentes camadas de cren-

¹⁵ Segundo Patrick Imbert, « Le transnationalisme s'échange dans la rencontre entre ceux qui sont d'ici et apprennent l'ailleurs et ceux qui viennent d'ailleurs et désirent se fonder ici ». (apud Bernd et Cas-Giraldi, 2014: 21).

ças ideológicas que estão na base da construção das imagens ou figurações imagológicas das alteridades e da identidades culturais. Neste sentido, torna-se relevante mostrar como são construídas e expostas personagens que foram ou são agentes de mobilidade (com a suas dependências estruturais e contextuais), mas também as representações de descendentes de migrantes sobre os pais e os parentes próximos e o modo como a mobilidade da geração anterior os faz mergulhar em múltiplos choques culturais. Assim, na senda das reflexões realizadas por Stephen Greenblatt (2010: 252) em “Um manifesto para os estudos de mobilidade”, considera-se da maior relevância examinar a ficcionalização de temas decorrentes quer de sentimentos de desenraizamento ou desinserção cultural, quer do peso psíquico das mobilidades forçadas.

Por todas as razões aqui aduzidas, faz sentido, pois, dar seguimento a análises e exames sobre representações de conflitos interculturais, sem refrear possíveis ligações da perspectiva imagológica com outras perspectivas afins. Os textos aqui apresentados são reunidos por esta motivação genérica e pela motivação específica de uma crença partilhada sobre o quão importante é continuar a pensar e a investigar a diversidade representacional de vários tipos de mobilidade ou dos fluxos migrantes que geram encontros e desencontros culturais. Estas duas motivações, que foram alimentadas e incrementadas pelas já referidas sessões de discussão em grupo, espelham-se nos textos que agora são divulgados. A maior parte dos textos teve uma apresentação pública no Colóquio “Imagologia e Mobilidade”, realizado em formato *online*, a 15-6-2021 e a 15-7-2021, na FLUC, com onze intervenções, das quais oito comunicações de investigadores e três conferências dos seguintes convidados: Paolo Proietti (IULM, Milão), María Jesús Fernández García (Universidad de Extremadura, Cáceres) e Maria Gabriela Gândara Terenas (FCSH, Universidade Nova de Lisboa). Depois deste evento, os textos dos investigadores que colaboraram neste volume foram submetidos a

um processo de revisão por pares, para corresponder à exigência normativa da Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma vez que este processo não se faz sem a colaboração prestimosa de muitos colegas universitários, aqui se deixa a todas/os um agradecimento reconhecido.

Os debates gerados nas múltiplas sessões do grupo e o contacto com os convidados gerou a vontade de aceder a textos já publicados em italiano sobre imagologia. Tendo Alberto Sismondini facilitado uma tradução de dois textos para conhecimento interno do grupo, entendeu-se que se poderia levar mais longe este trabalho com a publicação das traduções em português. Os autores — Nora Moll e Paolo Proietti — prontamente autorizaram a sua tradução, que foi corroborada pela editora italiana Lithos¹⁶. Aqui se agradece, publicamente, a simpatia e solidariedade dos autores mencionados e a magnanimidade da editora Lithos.

Descrito o historial que deu origem a esta publicação, resta dizer que as obras (e as situações nelas representadas), abordadas nos diversos textos aqui incluídos, mostram a heterogeneidade dos diferentes fenómenos representados e põem a nu o carácter lábil dos conceitos e das fronteiras designativas.

Os diferentes estudos incidem e mostram a representação de situações variadas: a mobilidade e as alterações de identidade, nos textos de Gabriela Gândara Terenas e de Ana Maria Machado; a mobilidade da imigração, no texto de María Jesús Fernández, e das migrações forçadas e suas sequelas, nos textos de João Domingues e de Maria João Simões; os conflitos e os confrontos enfrentados por minorias devidos a marcas traumáticas de feição colonial, nos textos de Lola Xavier e Alberto Sismondini; a estranheza entranhada

¹⁶ Trata-se dos textos “Imagologia intercultural no atual contexto cultural e mediático”, de Nora Moll, e “Imagologia e tradução : a representação do Outro pela viagem do texto”, de Paolo Proietti, anteriormente publicados na obra *Interpretare l'immagine letteraria dell'alterità*, na casa editora Lithos.

no processo de traduzir e a força da escrita na representação confronto entre culturas, nos textos de Paolo Proietti, Isabelle Simões Marques e Eduardo Nunes; e, *last but not least*, o repensar das conexões da imagologia na atualidade, nas traduções dos textos de Nora Moll e de Paolo Proietti, que vêm acrescentar o leque de questões abordadas.

Formando um todo, este conjunto de estudos tem a vantagem de mostrar a especificidade de cada situação e o modo como os casos concretos não entram facilmente em designações arrumadoras qual caixas de lados fixos.

Finalmente, é importante dizer que a publicação destes trabalhos pretende ser um contributo para o que Conrad Hughes entende ser o “desafio para futuras gerações” – que será o das políticas educativas perceberem a importância de compreender os preconceitos¹⁷ e de promoverem uma consciencialização ideológica da comunicação intercultural.

Referências bibliográficas

- ANTOR, Heinz (2020). Interculturality or Transculturality?. In Guido Rings and Sebastian Rasinger (eds). *Handbook of Intercultural Communication*, Cambridge: Cambridge University Press.
- BAUMGARTEN, A. G. (1993). *Estética*. Petrópolis, Editora Vozes.
- BERND, Zilá et Cas-Giraldi, Norah Dei (2014). *Glossaire des Mobilités Culturelles*, Oxford, P.I.E. Peter Lang.
- BLEICHER, Thomas (1980) Elements einer komparatistischen Imagologie. In *Komparatistische Hefte*; 2 S. 12-24.
- BOSCHETTI, Anna (2010). Pour un comparatisme réflexif . In Anna Boschetti (dir.) *L'Espace Culturel Transnational*, Paris, Nouveau Monde Éditions, pp. 7-51.

¹⁷ Conrad Hughes, logo a abrir a sua obra, afirma: “Prejudice and education are inextricably linked as they both touch on the most fundamental attribute of human behaviour: learning to live together. (...) It seems even more crucial today than before to educate for less prejudice as social tensions rise, world demographics swell and violent words and actions become increasingly widespread.” (Hughes, 2016: 1).

- BRUNS, Cristina (2011) *Why Literature? The Value of Literary Reading and What It Means for Teaching*, London: Continuum.
- CHEW, W.L. III (2001) 'Literature, history, and the social sciences?' An historical-imagological approach to Franco-American stereotypes. In W.L. Chew III (ed.) *National Stereotypes in Perspective: Americans in France - Frenchmen in America* (pp. 1-53). Amsterdam: Rodopi Press.
- CHEW III, William L. (2006) What's in a National Stereotype? An Introduction to Imagology at the Threshold of the 21st Century". In *Language and Intercultural Communication*, 2006, 6:3-4, 179-187, DOI: 10.2167/laic246.0 (cons. 15-7-2022; disponível em: <https://doi.org/10.2167/laic246.0>).
- COMPAGNON, Antoine (2009) *Literatura para quê?*, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- DYSERINCK, Hugo (2002) Da etnopsicologia à etnoimagologia. Trad. De Von Ethnopsychologie zu Ethnoimagologie. In Pál, József & Szili, József - *Neobelicon*. Budapest/London, Akadémiai Kiadó/ Kluwer Academic Publishers, 2002, S. 57-74. (Cons. em 25-11-2021; disponível em <https://www.geocities.ws/rellibra/pdf/imalogia2/etnopsicologia.pdf>).
- EOYANG, Eugene Chen (2007) *The Undisciplined Discipline: Comparative Literature and Creative Wandering*. *Comparative Literature: East & West*, 8:1, 3-14, (Cons. em 3-6-2022; disponível em <https://doi.org/10.1080/25723618.2007.12015631>).
- FISCHER, Manfred S. (1979) Komparatistische Imagologie - Für eine interdisziplinäre Erforschung national-imagotyper Systeme. In *Zeitschrift für Sozialpsychologie* 10 (1979), S. 30-44.
- FISCHER, Manfred S. (1981) *Nationale Images als Gegenstand Vergleichender Literaturgeschichte*, Bonn : Bouvier.
- FREEDEN, Michael (2003) *Ideology: A Very Short Introduction*. Oxford University Press: New York.
- GIL, Maria de Fátima (2020). Identidades híbridadas: interculturalidade ou transculturalidade? A propósito da Imagologia. In Maria João Simões (coord.) *Cruzamentos Representados - Imagologia e Figurações da Alteridade*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, pp. 163-176.
- GREENBLATT, Stephen (2010). *Cultural Mobility A Manifesto*, Cambridge, Cambridge University Press.
- HUGHES, Conrad (2016) *Understanding prejudice and education : the challenge for future generations*, Abingdon, Oxon / New York, NY : Routledge.
- JAY, Paul (2010). *Global Matters: The Transnational Turn in Literary Studies*. New York: Cornell University Press.
- JAY, Paul (2020). *Transnational Literature. The Basics*, Oxford / New York: Routledge.
- MARIČ, Ivona (2020) *Imagološka Analiza — Island*, Dissertação de Doutoramento. Osijek, Rujan, 2020 (cons. em 2-7-2022; disponível em : <https://repositorij.aukos.unios.hr/islandora/object/aukos:725/datastream/PDF/download>).
- NAKKOUCH, Touria (2012) Comparative Literature and the Question of Theory. In Paper presented at the *International Conference on Comparative Literature and the Unworlding of the Human Sciences in the Global Era*, Agadir, Morocco, 2012. (Cons. em 3-6-2022; disponível em : https://www.researchgate.net/publication/236660739_Comparative_Literature_and_the_Question_of_Theory).

- PRATT, Mary Louise (1992). *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge.
- ROCHA, Carlos (2015). “Fotótipo. In *Ciberdúvidas da língua portuguesa*. (Cons. em 12-6-2021; disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/fototipo/33442>).
- SIEBENMANN, Stephen (1996).”La investigación de las imágenes mentales aspectos metodológicos. In *Versants : revue suisse des littératures romanes*, nº 29, pp. 5-28
- SIMÕES, Maria João (2011). *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2011.
- ____ (2020). Introdução: da imagologia ao transnacionalismo literário. In Maria João Simões (coord.) *Cruzamentos Representados - Imagologia e Figurações da Alteridade*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, pp. 7-20.
- SOUSA, Celeste Ribeiro de (2011). Literatura e Imagologia: uma interação produtiva. A contribuição da Comparatística da Universidade de Aachen, Pandaemonium, São Paulo, n. 17, Julho/2011, p. 159-186 – www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum .
- VANDEBOSCH, Dagmar and D’Haen, Theo (2019). *Literary Transnationalism(s)*, Boston: Brill.
- WENINGER, Robert (2006) Comparative Literature at a Crossroads? An Introduction. In *Comparative Critical Studies*, 3.1.2, (2006) pp. xi-xix.